

Espiralar o tempo: arquivos vivos de insurgência e memória trans na Unicamp

SOLLUÁ BORGES DE SOUZA, GUIH LANDIM & ANTONIA MOREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

RESUMO

Neste artigo analisamos as experiências do Ateliê Transmoras e do Núcleo de Consciência Trans da Unicamp (NCT) na construção de um regime próprio de memória trans no contexto universitário, articulando arte, política e formação coletiva. A partir de três experiências etnográficas que se conectam de modo situacional, exploramos como essas práticas configuram um modo insurgente de produzir e transmitir memória; uma memória espiralar, encarnada, que se apoia em arquivos vivos, repertórios intergeracionais e tecnologias estético-políticas desenvolvidas por pessoas trans. O Ateliê Transmoras, com suas práticas de transmutação têxtil e ativismo, produz uma heterotopia que desloca os sentidos estabilizados da universidade; enquanto o NCT atua como laboratório de elaboração política, criação de dispositivos de democracia e articulação para políticas afirmativas, culminando na aprovação das cotas trans na Unicamp em 2025. Argumentamos que essas ações constituem formas de hackeamento institucional que ressignificam o espaço universitário e tensionam seus regimes tradicionais de legitimidade. Assim, o artigo demonstra como corpos dissidentes, ao entrarem, permanecerem e transicionarem a universidade, transformam-na, produzindo memória, fabulação política e novos modos de existir no ensino superior.

PALAVRAS-CHAVE

Memória trans. Corpos dissidentes. Heterotopia. Fabulação política. Cotas trans.

ABSTRACT

This article analyzes the experiences of the Transmoras Atelier and the Trans Consciousness Center of Unicamp (NCT) in constructing a unique regime of trans memory within the university context, articulating art, politics, and collective education. Based on three ethnographic experiences that connect situationally, we explore how these practices configure an insurgent way of producing and transmitting memory; a spiral, embodied memory that relies on living archives, intergenerational repertoires, and aesthetic-political technologies developed

Espiralar o tempo: arquivos vivos de insurgência e memória trans na Unicamp

SOLLUÁ BORGES DE SOUZA, GUIH LANDIM & ANTONIA MOREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

by trans people. The Transmoras Atelier, with its practices of textile transmutation and activism, produces a heterotopia that displaces the established meanings of the university; while the NCT acts as a laboratory for political elaboration, creation of democratic devices, and articulation for affirmative action policies, culminating in the approval of trans quotas at Unicamp in 2025. We argue that these actions constitute forms of institutional hacking that resignify the university space and challenge its traditional regimes of legitimacy. Thus, the article demonstrates how dissident bodies, by entering, remaining in, and transitioning through the university, transform it, producing memory, political narrative, and new ways of existing in higher education.

KEYWORDS

Trans memory. Dissident bodies. Heterotopia. Political fabulation. Trans quotas.

Espiralar o tempo: arquivos vivos de insurgência e memória trans na Unicamp

SOLLUÁ BORGES DE SOUZA, GUIH LANDIM & ANTONIA MOREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

1. Introdução

Neste artigo discutimos a construção de memórias trans na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) a partir das experiências do Ateliê Transmoras e do Núcleo de Consciência Trans (NCT), este fundado em 2022 ao reunir pessoas trans, travestis, não-binárias e transmasculinas em suas múltiplas dimensões étnico-raciais, de classe, sexualidade e deficiência. Estamos interessadas em compreender como essas experiências, que operam simultaneamente como práticas artísticas, estratégias de sobrevivência e metodologias políticas, produzem um regime de memória que tensiona o lugar da universidade enquanto instituição historicamente cisnormativa.¹

A análise parte da noção de que a memória não é um depósito de fatos passados, mas uma tecnologia coletiva de construção de realidade. Seguindo Halbwachs (2013) e Pollak (1989), entendemos que as lembranças ganham sentido quando situadas em quadros sociais capazes de organizá-las. No caso das pessoas trans na Unicamp, tais quadros emergem de práticas insurgentes que operam nas brechas: a transmutação têxtil do Transmoras, as Transsembleias do NCT, os lambes colados nos muros, os festivais e audiências públicas que materializam memórias em ato.

Articulamos essa discussão às proposições de Taylor (2003) sobre o arquivo incorporado, de Certeau (1994) sobre as táticas cotidianas e de autores trans contemporâneas como Passos (2022), que oferecem instrumentos para compreender como corpos dissidentes produzem conhecimento e reposicionam-se na história. É a partir desse enquadramento que analisamos a recente conquista das cotas trans na Unicamp, não apenas como política de acesso,

¹ Conceito incorporado aos estudos transfeministas brasileiros especialmente a partir dos anos de 2010, por autoras como Jaqueline Gomes de Jesus (2012) e Viviane Vergueiro (2015). Trata-se de um modo de deslocar a naturalização do corpo e da produção de gênero das pessoas que não são trans, como crítica, inclusive, a como trans enquanto categoria foi historicamente constituída/formulada a partir das ciências médicas e psiquiátricas, em perspectiva patologizante. É uma noção que busca, pois, nomear o que é socialmente compreendido como a norma, deslocando seus supostos sentidos de neutralidade.

Espiralar o tempo: arquivos vivos de insurgência e memória trans na Unicamp

SOLLUÁ BORGES DE SOUZA, GUIH LANDIM & ANTONIA MOREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

mas como desdobramento de uma memória insurgente construída por coletividade, afeto e disputa.

Assim, reunimos o relato de três experiências de atuação etnográfica distintas e complementares, que se articulam em suas singularidades e que são atravessadas pela nossa atuação conjunta ao Ateliê Transmoras e ao NCT. Dito isso, dividimos o texto em três atos: no primeiro, apresentamos o Ateliê e suas práticas de transmutação têxtil, constituindo-o enquanto laboratório de heterotopias; no segundo ato, confabulamos memórias com a atuação do NCT na Unicamp, especialmente enquanto coletividade democrática que produz políticas públicas; já no terceiro ato, tratamos do papel das imagens-memórias na configuração estética e política do jogo de relações a partir do pensamento da contravisualidade (Mirzoeff, 2016) e do hackeamento (Wark, 2023). Por fim, argumentamos que o Ateliê Transmoras e o NCT constituem dispositivos de memória que não se limitam a registrar o que poderia ser considerado como passado, pois reconfiguram-no, acionando-o como método de ação política, reorganização institucional e fabulação de futuros possíveis.

2. ATO I - O que pode um grupo de travestis organizadas - por seus direitos?

A história do ativismo trans na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e em Campinas, São Paulo/SP, tem a marca do Ateliê Transmoras, ocupação formada em 2013 por Vicenta Perrotta, e posteriormente associado à universidade por meio de estratégias de resistência e diálogo institucional (Moreira, 2024). O Ateliê se configura como um espaço de produção de arte, cultura e transmutação têxtil, no qual inúmeras pessoas trans, travestis, transmasculinas, não-binárias, podem se expressar artisticamente, em movimento dialógico a processos formativos, de tomada de consciência de direitos, renda e vida.

Em 2019, na capa do jornal “Travesti Viva”, em sua primeira edição, afirmamos “Brasil, país campeão mundial de travestis”, uma alusão à capa do jornal “O Lampião da Esquina” de 1981. Na primeira versão, ainda durante a ditadura civil-militar brasileira, os editores do jornal lembravam ao país do processo de migração intenso que estava ocorrendo entre as travestis,

Espiralar o tempo: arquivos vivos de insurgência e memória trans na Unicamp

SOLLUÁ BORGES DE SOUZA, GUIH LANDIM & ANTONIA MOREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

que “ganhavam” o mundo, e influenciavam inclusive a cultura de países europeus (Teixeira, 2008) a partir da prostituição internacional.

Figura 1: Capa da edição 32 do jornal “Lampião da Esquina” (1981)



Fonte: Reprodução Centro de Documentação Prof. D Luiz Mott / Grupo Dignidade

Quase 40 anos depois, um grupo de travestis artistas domina as passarelas da semana de moda da Casa de Criadores (Cdc), levando mais de 100 artistas como modelos, fotógrafes, estilistas, maquiadoras e cabelereiros. Foi um momento épico na semana de moda, que marcou um projeto político-estético que influenciaria novos estilistas trans, bem como a própria mesmice da cisgeneridade. Um exemplo desse impacto é o aumento no número de pessoas trans liderando marcas e apresentando coleções. Em 2019, apenas a Transmoras, liderada por Vicenta Perrotta, desfilava na CdC. Em 2024, ao menos outras 4 marcas desfilavam na mesma semana de moda.

Espiralar o tempo: arquivos vivos de insurgência e memória trans na Unicamp

SOLLUÁ BORGES DE SOUZA, GUIH LANDIM & ANTONIA MOREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Figura 2: Capa de “Travesti Viva” (2019)



Fonte: Arquivo pessoal de Antonia Moreira.

Espiralar o tempo: arquivos vivos de insurgência e memória trans na Unicamp

SOLLUÁ BORGES DE SOUZA, GUIH LANDIM & ANTONIA MOREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

A capa do “Travesti Viva”, em 2019, fazia alusão a um novo momento: campeãs pelo trabalho de excelência desenvolvido no Brasil. A migração de foco agora é a interna, com corpos nortistas à frente da direção criativa, além das diversas corporeidades negras, indígenas e nordestinas nas mais diferentes frentes, marcando um novo momento da presença de pessoas trans no espaço público. No final de década de 2020, o coletivo Transmoras transitava na efervescência cultural do momento, além da urgência de organização e mobilização social demandadas pelo contexto político do Brasil, com a ascensão da extrema-direita ao poder e os ataques cada vez mais comuns à qualquer instância da nossa presença - a década de 2010 foi marcada por cancelamentos e ataques à exposições artísticas abordando diversidade sexual e de gênero (Barbosa *et. al.*, 2025).

Nessa toada, a pergunta “o que pode um grupo de travestis organizadas?”, título de um dos textos do jornal de 2019, surge no contexto de articulação em rede que se pretendia o movimento à época. Hoje, 6 anos depois, esse modo ativista ligada à arte, controversamente chamado às vezes de *artivismo*, se mostrou uma ferramenta de construção de realidades e possibilidade de vida para corpos dissidentes de gênero. Ampliando, o que pode um grupo de pessoas trans organizadas por seus direitos e pela construção de novas epistemologias? Pergunta que lançamos no último seminário de pesquisas de Transmutação Têxtil em 13 e 14 de Novembro na Unicamp, buscando compreender a multiplicidade das pesquisas transdisciplinares de uma tecnologia social como práxis na Unicamp.

No âmbito do Ateliê Transmoras, a tecnologia da transmutação têxtil surge como prática político-pedagógica de emancipação de corpos dissidentes por meio da costura, ressignificação do lixo e autoconsciência. Segundo Barbosa *et al.* (2025), a transmutação têxtil pode ser entendida como um tipo de baixa moda:

O termo Baixa Moda nasce em contraposição aos grandes ateliês de Alta Moda, que tem suas bases fundamentadas no capitalismo e consumo exacerbado, visando principalmente o lucro. Atrelado a isso, o conceito e as práticas de Transmutação Têxtil idealizada e desenvolvidas por Vicenta Perrota [...] são pontos norteadores para as ações desenvolvidas. A Transmutação Têxtil em sua essência está para além do reaproveitamento dos materiais, está em entender primeiramente as possibilidades de

Espiralar o tempo: arquivos vivos de insurgência e memória trans na Unicamp

SOLLUÁ BORGES DE SOUZA, GUIH LANDIM & ANTONIA MOREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

experimentação, entender primeiro a comunicação da matéria prima, a linguagem estabelecida antes que qualquer lâmina toque o tecido, antes de exercer qualquer vontade sobre ela (Barbosa *et al.*, 2025, p. 11).

Esse tipo de inovação social possibilita a criação de redes afetivas, como os núcleos de transmutação têxtil espelhados pelo país, e o movimento estudantil organizado, referência direta ao Núcleo de Consciência Trans da Unicamp (Moreira, 2024). Ao olhar para a história do movimento organizado de Travestis e Transsexuais, como apontado por Passos (2022), fica evidente o diálogo intergeracional que ocorre nessas experiências que nascem a partir da brecha criada na Universidade pública.

O movimento de Travestis e Transsexuais é historicamente marcado por uma relação com o Estado, devido à conexão em seus primórdios com a Saúde, na luta pelo combate à epidemia do HIV/Aids. Esse foi o primeiro momento em que travestis e mulheres trans tiveram algum reconhecimento de seus direitos por parte do Estado, e usaram dessa brecha para, nos anos 2000, lutarem por outras frentes, como o processo transexualizador, que chegou ao SUS em 2008. Na relação com o Estado, Maria Clara Araújo nos lembra:

[N]ão desejo dar continuidade à compreensão do Estado como uma esfera maligna, e a sociedade civil, como virtuosa. Essa dualidade não dá conta da complexidade que envolve o diálogo aqui analisado entre movimento social e Estado. Do mesmo modo, entendo como incipiente pressupor que a presença ou o diálogo, de sujeitas/os sociopolíticas/os em esferas estatais as destitui de agência ou capacidade crítico-reflexiva, colocando-as/os necessariamente em um lugar de manipulação ou subserviência. Essas relações são quase sempre conflituosas, mas são valiosas da perspectiva da construção e do amadurecimento de um repertório (Passos, 2022, p.84).

A citação de Maria Clara Araújo dos Passos é relevante por nos ajudar a pensar o que já passou o movimento trans organizado (desde sua fundação até os tempos atuais), e como a relação com o Estado e seus agentes continua a atravessar nossas práticas, seja devido à dificuldade de acesso a políticas públicas, seja acesso à prevenção (no nascimento da relação estatal por meio do Ministério da Saúde), seja pela escassez de oportunidades (e consequente ativismo na educação, por exemplo).

Espiralar o tempo: arquivos vivos de insurgência e memória trans na Unicamp

SOLLUÁ BORGES DE SOUZA, GUIH LANDIM & ANTONIA MOREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

É comum ouvirmos críticas ao caminho institucional promovido por coletividades LGBTI+, sobretudo trans. Aqui é importante diferenciar práticas que se dobram às estruturas, deixam-se cooptar por interesses próprios, e esvaziam pautas (o casamento gay como um resultado final, por exemplo), de práticas que passam pela institucionalização, mas que buscam alterar a lógica da instituição, manipulá-la com seus próprios códigos e linguagens e abrir ainda mais as brechas, provocando hackeamentos (Wark, McKenzie, 2023) em âmbito social, histórico e cultural. No ativismo do Transmoras, por exemplo, aproveitar-se da inserção de pessoas trans na Universidade de forma orgânica, e fomentar a criação do NCT com a pauta das cotas de admissão para pessoas trans no vestibular é uma dessas estratégias de resistência.

Mudar por dentro, embora soe reformista num primeiro momento, pode ser comparado com infiltrações pouco visíveis a olho nu, mas que corroem e inundam por dentro estruturas excludentes, colonialistas e violentas. Ao realizar seu ativismo na brecha entre institucionalização e marginalização, gera-se uma potência criativa, uma heterotopia (Moreira, 2024), capaz de colocar a universidade no centro das inovações em políticas afirmativas, à exemplo da conquista de cotas em 2025, e do programa “Direitos, Renda e Vida”, realizado pela Transmoras em parceria com o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania e apoio institucional da Unicamp.

Saberes não hegemônicos tomam de assalto a Universidade e propõe novos diálogos, desestabilizando a própria função posta da universidade, que historicamente quebra a cabeça para integrar pesquisa, ensino e extensão - a última o elo fraco da cadeia - enquanto ignora as ausências entre seus muros.

Por outro lado, o trabalho de memória desenvolvido pelo Ateliê busca reposicionar pessoas trans em um nível histórico. As duas capas, do Lampião e do Jornal Travesti Viva, por exemplo, evocam a noção de tempo espiralar. Travestis continuam a migrar e a ser referência, em lugares deslocados, em novas subversões e inserções, mas, muitas vezes, com as mesmas precariedades (nome desrespeitado, diversidade que não se traduz em renda digna etc.). Relembrar é um ato político, de construção de memória; de respeito às que vieram antes, as de

Espiralar o tempo: arquivos vivos de insurgência e memória trans na Unicamp

SOLLUÁ BORGES DE SOUZA, GUIH LANDIM & ANTONIA MOREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

reconhecimento da própria trajetória. Memória, para a Transmoras, é uma forma de resistir à tentação de contar a história com a Unicamp como um mundo de apaziguamentos e benfeitorias, como se não tivesse havido perseguição, disputas, tensões e negociações. Como se não tivéssemos refletido criticamente sobre cada passo, estrategizado, mapeando riscos e oportunidades. Como se fosse dado, e não uma revolta que inicia-se com Vicenta Perrotta e o espaço público, expande-se para o coletivo, até o movimento e organização atuais.

3. ATO II - Entrar, Permanecer e Transicionar a Unicamp

A história recente dos movimentos sociais trans brasileiros demonstra que muita coisa pode ser feita quando nos reunimos em coletividade. A reivindicação por direitos atravessa a própria noção de identificação de gênero dissidente, pois não é uma opção inexistir enquanto sujeito no mundo; enquanto corpo político e material a transitar pelas ruas, ocupando espaços públicos. Ainda assim, é necessário refletir sobre como essa política de reivindicação do que é público se constrói, e quais corpos são reconhecidos enquanto legítimos de usufruir da visibilidade do dia a dia e do cotidiano da vida pública. A pergunta disparadora que conduz este texto ganha aqui um sentido concreto: o que pode um grupo de pessoas trans quando decide disputar o direito de entrar, permanecer e transicionar dentro de uma das maiores universidades públicas do país?

Figura 3: Colagem de lambes feita no muro externo da UNICAMP (24/04/2023)

Espiralar o tempo: arquivos vivos de insurgência e memória trans na Unicamp

SOLLUÁ BORGES DE SOUZA, GUIH LANDIM & ANTONIA MOREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026



Fonte: Núcleo de Consciência Trans (NCT), https://www.instagram.com/p/Craw8vQOCmK/?img_index=1

A imagem acima ilustra parte da reflexão até então apresentada. Ela foi realizada a partir de uma ação conjunta entre o Núcleo de Consciência Trans da Unicamp (NCT) e o Coletivo Juntos, em abril de 2023, como forma de intervenção pela reivindicação de políticas de ações afirmativas, na forma de cotas trans, na Unicamp. A pergunta “*Quais corpos vc vê à luz do dia?*”, pode ser, para além de um questionamento, uma provocação artística e estética, ou um corte epistêmico que atravessa como navalha de travesti, o apagamento estrutural e naturalizado da presença de corpos trans nos espaços institucionais de ensino superior e públicos. É uma incisão que revela o óbvio que a branquitude cisnormativa tenta naturalizar: a universidade vê alguns corpos com nitidez, acolhe outros com parcimônia e expulsa muitos sem nem perceber. Perguntar quem se vê “*à luz do dia*” é perguntar quem é autorizado a circular sem medo de ser arrancado de si, quem é reconhecido como sujeito, quem é interpretado como ameaça. Pois, afinal, quais corpos acessam e permanecem na universidade?

Espiralar o tempo: arquivos vivos de insurgência e memória trans na Unicamp

SOLLUÁ BORGES DE SOUZA, GUIH LANDIM & ANTONIA MOREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

A construção da história recente de ocupação da Unicamp por corpos trans mostra que a transformação desses espaços institucionais, de produção de arte, cultura e conhecimento, já não se encontra somente na ação de imaginar futuros possíveis para pessoas trans, travestis, não-binárias, transmasculinas, intersexos, dentre outras. Habitar a universidade tem virado uma realidade que se materializa nos muros, janelas e paredes, com lambes e intervenções artísticas, a partir de laboratórios de construção de lembranças coletivas e formas de resistência (Leme; Souza, 2025).

É assim que entendemos a atuação do Ateliê Transmoras, como já salientamos, mas é também por meio dessa perspectiva que construímos políticas públicas com o NCT, coletivo fundado em 2022 na Unicamp, e que reúne pessoas trans em suas diferenças em termos de identificação de gênero, raça, etnia, sexualidade e deficiência, e congrega pessoas de graduação e pós-graduação da universidade. A construção de políticas públicas a partir dessas presenças trans não se dá num vazio. Ela se apoia na forma como cada pessoa é atravessada pela universidade e, simultaneamente, a atravessa de volta. Entrar, permanecer e transicionar se tornam verbos que descrevem tanto trajetórias individuais quanto a própria transformação institucional.

O NCT nasce quando percebemos que não bastava que pessoas trans estivessem “presentes” na Unicamp; era preciso que construíssem condições próprias de existência, de encontro e de elaboração política. Por isso, o núcleo não surge como um coletivo homogêneo, mas a partir de uma ecologia de diferenças, na qual corpos, histórias, identidades e repertórios se entrelaçam e produzem formas de estar na universidade que até então não existiam. É uma prática que se assemelha ao que Certeau (1998) chamaria de invenções do cotidiano, que desestabilizam a norma a partir de gestos mínimos, mas persistentes.

Nesse sentido, pensar o NCT como produtor de memórias coletivas é tomar como ponto de partida a ideia de que as memórias que ali circulam não são apenas lembranças individuais, mas materiais que estruturam uma narrativa comum: o que passou, o que nos atravessou, o que fizemos, o que foi possível e o que ainda falta a ser feito e construído. Halbwachs (2013) afirma

Espiralar o tempo: arquivos vivos de insurgência e memória trans na Unicamp

SOLLUÁ BORGES DE SOUZA, GUIH LANDIM & ANTONIA MOREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

que memórias só existem porque encontram quadros sociais capazes de organizá-las. No caso do NCT, esses quadros são produzidos coletivamente, de forma insurgente, como descrevem Leme e Souza (2025) ao tratarem das políticas trans na Unicamp. São memórias que constituem um corpo político que nos sustenta tanto diante da universidade quanto diante de nós mesmas, produzindo uma forma trans de memória, espiralar e resistente, nos termos em que Moreira (2024) descreve a heterotopia do Ateliê Transmoras.

A partir da construção coletiva que, de uma greve estudantil instaurada no ano de 2023, e que possuía pautas esparsas, o NCT, na comunhão de acúmulos de experiências de suas pessoas integrantes e no diálogo com o Ateliê Transmoras, conseguiu pautar as cotas trans como o núcleo estruturante e eixo norteador das disputas institucionais e políticas do período, negociando a resolução da greve com a reitoria da Unicamp (Leme; Souza, 2025). É interessante destacar que, no processo de construção do que poderíamos compreender como uma ética de atuação do núcleo, pautada na defesa da inclusão e permanência de estudantes trans ao ensino superior, criou-se um dispositivo democrático autônomo do movimento, constituindo-se como vetor coletivo de sensibilidades e memória: a Transsembleia, que

É um espaço de construção de democracia e no qual pedagogias trans, travestis e não-binárias são produzidas e compartilhadas. É, também, um instrumento de mobilização e tomada de decisões que, pelo que tenho conhecimento, tem se dado somente aqui na Unicamp. Por fim, quero ressaltar a potência desse espaço na construção de saberes e epistemologias a partir do olhar de corporalidades trans, travestis e não-binárias que, com seu acúmulo de experiências a partir da dissidência de gênero, sexualidade e raça, modificam formas clássicas de se pensar os modos de organização dos movimentos sociais, do espaço arquitetônico e epistemológico da Universidade (Leme; Souza, 2025, p. 8).

Com isso, entendemos que o núcleo funciona como espaço de elaboração de narrativas de si e do movimento. Em cada roda de conversa, Transsembleias, intervenção pública, o NCT organiza uma prática discursiva que permite que experiências individuais sejam transformadas em organização coletiva. Pollak (1989) chama esse processo de trabalho de enquadramento: selecionar, reorganizar, nomear e partilhar experiências de modo a produzir inteligibilidade histórica. No caso das Transsembleias, essa elaboração assume ainda uma dimensão

Espiralar o tempo: arquivos vivos de insurgência e memória trans na Unicamp

SOLLUÁ BORGES DE SOUZA, GUIH LANDIM & ANTONIA MOREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

performativa: como lembra Nascimento (2019), saberes dissidentes emergem através do corpo e do gesto, e não apenas do discurso formalizado. Desse modo, contar uma história dentro da Unicamp é, simultaneamente, localizar-se e produzir crítica institucional, tendo a intergeracionalidade como caminho e instância de produção de repertórios políticos, em que memórias de lutas anteriores (dentro e fora da Unicamp) são retomadas, atualizadas e reinventadas.

Trata-se do que Taylor (2003) define como arquivo incorporado, ou seja, modos de saber que passam de corpo a corpo, de gesto em gesto, de estratégia em estratégia, sem depender exclusivamente de registros escritos. É dessa circulação entre afetos, histórias e imagens, que se faz a continuidade histórica trans na universidade. Uma continuidade feita de rasgos, improvisos, invenções e alianças, como também mostram Passos (2022) e Barbosa et al. (2025) ao discutir pedagogias travestis e tecnologias da Baixa Moda. Nesse percurso, permeado por outros modos de ocupar e de produzir conhecimento, novos registros se formam, que não são somente arquivos, pois fazem existir aquilo que a universidade, por vezes, insiste em não ver.

São corpos que circulam pelo espaço público da universidade, deixando rastros que são performados continuamente e que nos auxiliam a responder à pergunta inicial: o que pode um grupo de pessoas trans organizadas por seus direitos? Podem produzir condições de existência. Podem fabricar brechas. Podem instituir políticas afirmativas inéditas. Podem transformar o cotidiano da universidade ao ponto de fazer com que transicionar (como verbo, gesto e prática política) deixe de ser uma impossibilidade dentro do campus. Como Butler (2018) insiste, lembrar vidas precarizadas é parte fundamental de qualquer projeto democrático; no NCT, essa lembrança se torna método e horizonte.

Transicionar a Unicamp é, portanto, dobrar a universidade sobre si. Ou seja, fazer com que ela deixe de ser apenas lugar de formação para se tornar lugar de enfrentamento, de disputa e de imaginação de mundos. A articulação entre NCT e Ateliê Transmoras possibilita ir além do ato de ocupar a universidade, para reorganizá-la, de modo a causar infiltrações pelas margens e interstícios, questionando protocolos e reinscrevendo nos muros e nos arquivos a presença de

Espiralar o tempo: arquivos vivos de insurgência e memória trans na Unicamp

SOLLUÁ BORGES DE SOUZA, GUIH LANDIM & ANTONIA MOREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

corpos que, até muito pouco tempo atrás, sequer eram imaginados como possíveis de ali estarem. É, em última instância, transformar a instituição ao mesmo tempo em que nos transformamos dentro dela, em forma de memória, arte e política.

4. ATO III - O dispositivo filmico como construção visual, sonora e sensorial: uma breve análise etnográfica da visualidade do processo das cotas trans na Unicamp

Figura 4: Travesti no Comando da Nação - Virada Trans Cultural (2025)



Fonte: print screen de vídeo produzido por Guih Landim.

Elegâncias travessas, bajubás, axés e tantas linguagens, complexidades sensíveis e tramas hackeadoras de sentidos ocupam a Unicamp desde a fundação do ateliê TRANSmoras em 2013, atravessando o período da aprovação das cotas TRANS em 2025. Pedagogias do baphão, transmutações têxteis, visuais e cognitivas se confluenciam, transitando na arena social no processo de formação de novos espaços políticos e críticos do pensamento e da práxis, dentre inúmeros outros códigos trans e travestis, formando um conjunto semiótico de ruídos estéticos que fazem parte de uma memória em disputa em um dos maiores centros de pensamento

Espiralar o tempo: arquivos vivos de insurgência e memória trans na Unicamp

SOLLUÁ BORGES DE SOUZA, GUIH LANDIM & ANTONIA MOREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

acadêmico da américa latina, espaço que historicamente negou estas corporeidades, marginalizando-as à prostituição compulsória, à fome, à rua, à carnavalização, animalização, biologização, patologização e a tantas outras situações de marginalização social e violência biotanopolítica, para além de uma necropolítica, esta que se nota: “fatal, como também memoricida e negacionista: carrega em seu bojo uma contínua política do apagamento e do esquecimento” (Seligman, 2022, p. 12, adaptado).

É do não-lugar da experiência trans e travesti, das brechas da negação, onde são formados jogos de negociação a partir de corporeidades e suas subjetividades vibrantes, das brechas desses interstícios onde são forjadas novas políticas e poéticas de hackeamentos da subjetividade, cruciais para o jogo de representação política, sendo a imagem, a performatividade e a representação fatores primordiais nesta construção ruidosa, fabuladora, rebelde e escapadiça. Vidas Rebeldes, desordeiras, encenqueiras e radicais fabulam novos sentidos políticos no território do saber. Não mais como vestígios de experimentos sociológicos tratados por Hartman, mas agentes históricas organizadas produzindo, hackeando e regurgitando sentidos de memórias individuais e coletivas a partir de seus traumas.

Trata-se de um movimento histórico que se retroalimenta antropofagicamente dos próprios imaginários, das próprias tramas, dos próprios rasgos, dos próprios gestos, olhando pra dentro, olha para seus processos subjetivos de memórias que a sociedade vetorialista tenta apagar, olhando gentilmente para suas recriações como complexidades sensíveis, seres em estado de revolta, buscando eclodir uma representação que é inegociável, que parte da própria experiência.

Mas há algo mais, algo sempre pairando no horizonte do representável. Há uma política do irrepresentável, uma política da apresentação da demanda inegociável. Esta é a política como recusa da própria representação, não a política de recusa desta ou daquela representação. Uma política que, embora abstrata, não é utópica. Uma política que é atópica em sua recusa do espaço de representação, em seu corte para os deslocamentos de expressão. Uma política que é “portanto indetectável, não identificável, invisível, não reconhecível, furtiva não pública (Wark, 2023, p. 122).

Espiralar o tempo: arquivos vivos de insurgência e memória trans na Unicamp

SOLLUÁ BORGES DE SOUZA, GUIH LANDIM & ANTONIA MOREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Mackenzie Wark trata do poder da abstração como ferramenta de controle e em oposição hackers desviam sentidos de um CISTema normativo. Assim, com sua lógica própria em constante mutação e transição, corporeidades dissidentes reivindicam uma estética, uma semiótica a partir de suas experiências de vida marginalizadas, criando uma revolução molecular das brechas de um dos grandes centros de produção de pensamentos. Assim, as cotas trans na Unicamp, integrando um contexto histórico da dissidência, formam um espaço de reivindicação estético por meio das imagens.

A câmera² de Guih Landim propôs um dispositivo vivo participante e espectadora-agente de um processo de lutas. A imagem como lugar de reivindicação estética, cognitiva que perpassa transmutação visual, colagens de espaço-tempo e corporeidades - corpos telas - memórias do tempo espiralar A câmera como dispositivo crítico participa e desse processo, de modo sensível, em escuta, em presença e atuação, como no filme Ressurgente: um filme de Ação Direta de Dácia Ibiapina. As múltiplas telas, as camadas do tempo reconfiguradas e expressas em telas, em indumentárias, em textualidades, discursos orais e visuais, distintas formas expressivas que ecoam pela Unicamp. As imagens filmadas dos processos eram replicadas nas redes e nos telões do Festival das Cotas TRANS. Imagens de travestis se alimentando, travestis investigando no deserto do Atacama, se amando, se abraçando, dançando, performando. Essas imagens eram espelhos reais do momento do festival, um jogo contínuo de espelhamentos, de encantarias, das contravisualidades (Mirzoeff) que as pessoas trans e travestis gostariam de ver no presente e futuro da Unicamp, configurando, hackeando um imaginário precarizado do passado e retomando pessoas importantes que fizeram parte deste movimento.

A Unicamp tem um rico espaço de transmissão de imaginários coletivos, é uma Universidade em que as informações não estão apenas nos livros, aulas e bibliotecas, mas é frequente a movimentação constante de grafites, lambes, stencil que estão sempre se

² Ver Vídeo da emoção das pessoas ao celebrar a aprovação das cotas trans na Unicamp. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1zpH0-G9qEoXWvSt-oZdn-RpeMN7NmVdP/view?usp=sharing>

Espiralar o tempo: arquivos vivos de insurgência e memória trans na Unicamp

SOLLUÁ BORGES DE SOUZA, GUIH LANDIM & ANTONIA MOREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

atualizando e gerando novas inquietações sobre corporeidades, sobre lutas diversas, é uma universidade que tem esse mecanismo que parte des alunes que estão na estrutura, demarcando suas inquietações, questionando, friccionando em mecanismos de uma ruptura, uma crítica radical interferindo na paisagem, no cotidiano visual de um dos grandes difusores de saberes da américa latina. Trata-se de uma memória viva, em movimento.

Temos realizado ensaios fotográficos e audiovisuais como processos de investigação, em alguns casos são montados como teasers para buscarmos financiamentos, mas estas imagens são vistas e revistas em observações diferidas (France, 1998) de modo a criar novas camadas invisíveis e afetivas da representatividade e performatividade. São encontros com memórias individuais e coletivas de fatos recentes de movimentos históricos relacionados à conquista das cotas trans. Na Virada Transcultural houve um processo importante onde havia um telão ao fundo do palco do teatro de Arena, para a curadoria de imagens foram selecionadas um conjunto de imagens-memórias que reverberaram a história do movimento do ateliê transmoras na Unicamp, os desfiles, alguns fashion filmes e filmes experimentais feitos durante 13 anos do ateliê, imagens cotidianas, imagens precárias, as imagens foram tomando mais formas e dialogando com o evento, a cada atividade específica no teatro havia algumas correspondência visual, como na apresentação de Oderiê, em que tinham imagens de Luara Sousa guerreando com a espada de São Jorge em câmera lenta, uma imagem onírica da beleza radical do enfrentamento representado por Luara, tratando-se de uma contravisualidade por meio de uma estética da imagem.

Figura 5: Vicenta Perrotta, presidenta do Ateliê TRANSmoras assistindo as imagens-memórias da história das cotas trans na Unicamp

Espiralar o tempo: arquivos vivos de insurgência e memória trans na Unicamp

SOLLUÁ BORGES DE SOUZA, GUIH LANDIM & ANTONIA MOREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026



Fonte: print screen de vídeo produzido por Guih Landim.

Há um processo de revolução cognitiva em curso, que passa pelas subjetividades, ao tratar de imagens e memórias é preciso compreender o papel do ateliê TRANSmoras como espaço de hackeamentos de subjetividades estéticas e políticas, quebrando paradigmas cis-normativos. Na perspectiva de Mckenzie Wark:

Os produtores de mercadorias, sejam agricultores manejando a terra, sejam trabalhadores manejando o torno mecânico ou a página, são produtos da produção. À medida que a produção de objetos se torna complexa e múltipla, o mesmo acontece com a subjetividade. Lukács: “Essa fragmentação do objeto de produção implica necessariamente a fragmentação do seu sujeito. Como consequência da racionalização do trabalho, as propriedades e as particularidades humanas do trabalhador aparecem cada vez mais como simples fontes do erro.”* Novas indústrias inteiras então surgem prometendo terapias, diversão e curas milagrosas para tornar esse sujeito aberrante completo novamente, incluindo curas políticas milagrosas, que prometem reunir o sujeito dentro de seu invólucro, abolindo as complexidades vetoriais da produção. O hackeamento não pode ser um retorno a essa totalidade imaginária do ser, mas pode se abrir para o devir do virtual (Wark, 2023, p. 96).

McKenzie Wark trata da captura do espaço simbólico. O Ateliê TRANSmoras desenvolve esta práxis por meio de um conjunto de imagens-memórias que atravessam

Espiralar o tempo: arquivos vivos de insurgência e memória trans na Unicamp

SOLLUÁ BORGES DE SOUZA, GUIH LANDIM & ANTONIA MOREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

experiências de vida, desfiles, transembleias, ballrom, viradas transculturais, criação de espaços seguros para pessoas trans, hackeando os códigos visuais em contranarrativas e contravisualidades estéticas, *modus operandi* de pensar uma beleza radical, em teimosias estéticas e ruidosas, que rasguem, contaminem, borrem as fronteiras da cis-normatividade, criando novos códigos subjetivos a partir da estética, do corpo, da musicalidade, do discurso político, do pixo, do lixo, das próprias narrativas de vida:

Guattari: “A única finalidade aceitável das atividades humanas é a produção de uma subjetividade que enriqueça de modo contínuo sua relação com o mundo.” O que exige uma aplicação criativa do hack é a produção de novos vetores ao longo dos quais o evento possa continuar a se desenrolar após sua explosão inicial no espaço social e evitar a captura pela representação. (Wark, 2023, p. 97).

Há uma força no poder da representação proposto pelo Ateliê Transmoras em confluências com o NCT, um jogo semiótico que perpassa sensibilidades, encontros, poéticas e políticas. Jogos de falas, movimentos de corpos de uma arena social em construção, o que se reverbera na imagética, nas imagens-memórias, no conjunto de espaços de expressão, que perpassa abstração estética, um desejo pulsante em movimento contínuo:

[216] As classes dominantes mantêm um espaço de expressão do desejo, ao mesmo tempo em que impõem representação às classes subalternas. O poder dominante sabe que nada mais é do que sua expressão e a superação de sua expressão. E assim supera a si mesmo, dividindo-se e transformando- -se, mutando-se de uma expressão ruralista para capitalista e, depois, à uma expressão vetorialista. Cada expressão promove em sua diferença a abstração da propriedade que gera classe como bifurcação de diferenças, de posse e não posse. A classe dominante, em cada uma de suas mutações, precisa das classes produtoras apenas para fins de exploração, para a extração do excedente. Não tem necessidade do reconhecimento de si enquanto si mesma. Precisa apenas do vetor ao longo do qual muda e pulsa. As classes produtoras, igualmente, nada ganham com o reconhecimento que lhes é imposto em sua luta com seus senhores, que serve apenas para mantê-las em seu lugar. (Wark, 2023, p.115-116).

A representação é vista como uma forma de emancipação do olhar e de ser visto, o corpo toma dimensões políticas e performáticas que hackeiam as regras de um corpo fragilizado, debilitado. Corporeidades diversas dançam, falam palavras de ordem e desordem, recriam

Espiralar o tempo: arquivos vivos de insurgência e memória trans na Unicamp

SOLLUÁ BORGES DE SOUZA, GUIH LANDIM & ANTONIA MOREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

pensamentos, musicalidades, formas de livre expressão em busca de imaginários experimentais que recodifiquem as estruturas enrijecidas do pensamento epistemológico por uma práxis que perpassa a beleza radical.

Considerações finais

As experiências analisadas ao longo deste artigo mostram que a produção de memória trans na Unicamp não é um gesto retrospectivo, mas um projeto político em curso. Tanto o Ateliê Transmoras quanto o Núcleo de Consciência Trans operam como dispositivos de fabulação coletiva que, ao mesmo tempo em que registram o vivido, reorganizam os termos de pertencimento na universidade. Suas práticas ampliam a compreensão de memória como arquivo incorporado (Taylor, 2003), como tática (Certeau, 1994) e como disputa por quadros sociais de reconhecimento (Halbwachs, 2013; Pollak, 1989).

Essas experiências também evidenciam que entrar, permanecer e transicionar a universidade exige um esforço de invenção institucional. O que se vê nos percursos de estudantes trans é uma tensão constante entre o que a universidade oferece como estrutura e o que ela demanda daqueles que tenta excluir. Nesse cenário, o NCT e o Ateliê Transmoras fazem do cotidiano um campo de ação política: reorganizam rotinas, criam suportes de convivência, produzem metodologias próprias de cuidado e instauram heterotopias que fissuram a gramática cisnormativa que estrutura o espaço acadêmico.

A aprovação das cotas trans, em 2025, condensa esse movimento. Não se trata apenas de uma conquista normativa, mas de uma mudança provocada por arquivos vivos e vividos (assembleias, festivais, audiências, cartazes, costuras, corpos em circulação) que produziram condições de inteligibilidade e legitimidade para que a universidade reconhecesse suas próprias lacunas. Ao transformar reivindicação em política, esses coletivos demonstram que a universidade não se transforma por decreto; ela é empurrada por histórias, afetos e insurgências corporificadas.

Espiralar o tempo: arquivos vivos de insurgência e memória trans na Unicamp

SOLLUÁ BORGES DE SOUZA, GUIH LANDIM & ANTONIA MOREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Ainda assim, persistem desafios importantes. A permanência estudantil segue marcada por condições materiais precárias, lacunas nos sistemas administrativos, desgaste emocional e barreiras simbólicas que reiteram a cisgeneridade como norma. A universidade continua operando uma economia da legitimidade em que determinados corpos circulam com facilidade e outros precisam constantemente negociar sua presença. Esses entraves mostram que políticas afirmativas são necessárias, mas insuficientes: é preciso também disputar modos de vida, formas de aparecer e sentidos de comunidade.

Ao final, o que este artigo aponta é que a memória trans, tal como produzida pelo Ateliê Transmoras e pelo NCT, não se limita a registrar o que aconteceu: ela produz terreno fértil para que outras presenças sejam possíveis. Memória, aqui, funciona como método de transformação institucional, como campo de criação estética e política, e como gesto de cuidado com quem veio antes e com quem virá depois.

Complementar a este jogo político encontra-se o dispositivo da contravisualidade, operando como mecanismo de recriação de sentidos de corporeidades trans, travestis e não-binárias na universidade a partir de uma estética radical que possibilite espaços de negociação por vias de tecnologias sociais como transmutação têxtil e visual, modos de rupturas com a cisnormatividade que criam territórios possíveis na construção de espaços seguros, livres e instigantes para corporeidades diversas.

Referências

BARBOSA, D. R. da S. B.; ARAÚJO, J.; SILVA, L. A. da; OLIVEIRA, M.; ALBUQUERQUE, P. Brasil, País Da Baixa Moda: Uma Análise Sobre O Impacto Da Moda Transvestigênera No Sul Global. **Anais da XV Reunião de Antropologia do Mercosul - Retomar o Futuro**. Salvador: Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2025. Disponível em: . Acesso em: 25 nov. 2025. Disponível em: <https://www.ram2025.sinteseeventos.com.br/anais/trabalhos/lista?simposio=96#D>. Acesso em: 27 nov. 2025.

BUTLER, J. **Corpos em aliança e a política das ruas**. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

Espiralar o tempo: arquivos vivos de insurgência e memória trans na Unicamp

SOLLUÁ BORGES DE SOUZA, GUIH LANDIM & ANTONIA MOREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: 1 - Artes de fazer.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3ª ed. Editora Vozes, Petrópolis, 1998.

FRANCE, Claudine de. **Cinema e Antropologia.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

JESUS, J. G. de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em: <https://www.diversidadesexual.com.br/wp-content/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>. Acesso em 26 ago. 2025.

LEME, L.; SOUZA, S. B. de . As cotas trans na Unicamp: bastidores da construção de uma política pública de ações afirmativas para pessoas Trans, Travestis e Não-binárias. **História Social**, [S. l.], v. 20, n. 00, p. e025004, 2025. DOI: 10.53000/hs.v20i00.5434. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/rhs/article/view/5434>. Acesso em: 27 nov. 2025.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 745–768, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646472>. Acesso em: 2 dez. 2025.

MOREIRA, A. Construindo Memórias de Outros Lugares: : Heterotopia trans ou fábrica de travestis na ocupação TRANSmoras na Unicamp. **Revista Eletrônica Interações Sociais**, 8(1), 2024. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/reis/article/view/17890>. Acesso em: 27 nov. 2025.

NASCIMENTO, S. de S. O corpo da antropóloga e os desafios da experiência próxima. **Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, v. 62, n. 2, p. 459–484, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.161080>. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/161080>. Acesso em: 27 nov. 2025.

PASSOS, M. C. A. **Pedagogias das travestilidades.** 1ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.

Espiralar o tempo: arquivos vivos de insurgência e memória trans na Unicamp

SOLLUÁ BORGES DE SOUZA, GUIH LANDIM & ANTONIA MOREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

POLLAK, M. “Memória, esquecimento e silêncio”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3–15, 1989. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/slideshow/memoria-esquecimento-e-silncio/40943403>. Acesso em: 27 nov. 2025.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A virada testemunhal e decolonial do saber histórico**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022.

TEIXEIRA, F. DO B. L'Italia dei Divieti: entre o sonho de ser européia e o babado da prostituição. **Cadernos Pagu**, n. 31, p. 275–308, jul. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332008000200013>. Acesso em: 27 nov. 2025.

VERGUEIRO, Viviane. Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. **Dissertação** (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/19685>. Acesso em 26 ago. 2025.

WARK, McKenzie. **Um manifesto hacker**. Tradução de Victor Barcellos. São Paulo: Sobinfluencia Edições, 2023.

Espiralar o tempo: arquivos vivos de insurgência e memória trans na Unicamp

SOLLUÁ BORGES DE SOUZA, GUIH LANDIM & ANTONIA MOREIRA

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.12 N.1 ANO 2026

Original recebido em: 02 de novembro de 2025

Aceito para publicação em: 16 de janeiro de 2026